Everything is fine, but I wish I was dead
Diálogos e disputas em torno de doenças mentais no *Tumblr* [1]

Isabel Tereza de Almeida MORAES[2]
Beatriz Brandão POLIVANOV[3]
Universidade Federal Fluminense, UFF, RJ

Resumo

Este trabalho busca delinear aspectos chave de postagens produzidas pelos sujeitos portadores de doenças mentais no site de redes sociais *Tumblr*. Com uma forte comunidade de interagentes que se autoidentificam como doentes mentais, o *Tumblr* é cenário de disputas e discursos diversos a respeito de saúde mental, que vão desde a criação de redes de solidariedade e sociabilidade, medicalização, *self-care* e até a romantização de transtornos baseada em produtos midiáticos como filmes, músicas e séries. Aqui estão trabalhadas, portanto, algumas incursões e análises iniciais deste universo.

Palavras-chave: Depressão; *Tumblr*; doenças mentais; sites de redes sociais; comunicação e saúde.

Introdução

Fundado em 2007, o *Tumblr* é uma plataforma de *microblogging* que permite a postagem de oito tipos de conteúdos diferentes: texto, foto, citação, link, conversa, áudio e vídeo. As duas primeiras categorias totalizam cerca de 92% dos *posts*[4] (CHANG et al., 2014). Tais conteúdos, quase sempre identificados por *tags*[5], podem ser "reblogados" nas

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Multimídia, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Estudos de Mídia da Universidade Federal Fluminense, Pesquisadora de Iniciação Científica e Integrante do Grupo de Pesquisa em Mídias Digitais, Identidade e Comunicação (MiDICom). E-mail: isabelterezam@gmail.com.

[3] Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Estudos de Mídia da UFF e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na mesma Instituição (PPGCOM/UFF). Coordenadora do Grupo de Pesquisa MiDICom. E-mail: beatriz.polivanov@gmail.com.

[4] Equivalente em inglês ao termo postagem.

[5] Palavra-chave relacionada a uma determinada informação.

páginas dos interagentes ou "gostados" pelos mesmos. São permitidas também perguntas públicas e conversas privadas, e os blogs são personalizáveis, tanto em sua estética quanto em conteúdo. O *Tumblr* pode ser considerado um site de rede social, que de acordo com boyd e Ellison (2007), são caracterizados pela construção de um perfil público ou semi-público, sua articulação de uma lista com outros interagentes com os quais se partilham conexões e a visualização das conexões existentes dentro daquela rede.

As autoras também argumentam que, embora sites de redes sociais em geral fortaleçam laços previamente construídos, também podem ajudar estranhos a se conectarem com base em interesses comuns, visões políticas e atividades em geral. Com o lema "Venha pelas coisas que você adora. E fique pelas coisas que você descobriu.", o *Tumblr* foi marcado, desde o início, por fortes subgrupos, como *fandoms*[6] e comunidades em torno de temas específicos.

A estrutura da plataforma, que tem como sua principal forma de navegação a procura de *tags*, impulsiona bastante este fenômeno, fazendo com que os participantes encontrem facilmente *posts* a respeito dos seus interesses e interajam com pessoas com quem têm algo em comum. Cria-se, então, um site de redes sociais ligado não necessariamente a conexões feitas *offline* (como, por exemplo, a apropriação atual feita do *Facebook*) mas sim a interesses em comum. Tal característica – que acaba resultando em anonimato – torna o *Tumblr* um terreno fértil para que seus interagentes exponham personas que, possivelmente, não exibiriam em outros sites de redes sociais ou *offline.*

Um destes subgrupos (que são frequentemente chamados de "comunidades" pelos participantes) é daqueles que sofrem de alguma doença mental. Com seus *posts* marcados por *tags* como *mental illness*, *depression* e bipolar, estes interagentes formam uma comunidade bastante heterogênea, apropriando-se do seu status de sujeito neuroatípico[7] de formas bastante diferentes.

As *tags* relacionadas à saúde mental foram alvo de controvérsia nos últimos anos. Em 2014, a adolescente londrina Tallulah Wilson se suicidou, deixando para trás uma

[6] Subcultura composta por fãs de uma mesma banda, série, filme, celebridade etc.
[7] Portador de alguma doença mental. Os termos "neuroatípico" e "neurodivergente" são polêmicos dentro e fora das comunidades que versam a respeito de saúde mental – criados para falar do espectro autista, começaram a ser recentemente adotados por indivíduos com doenças mentais de forma geral. Sendo este primeiro o mais aceito e mais usado, será utilizado para os fins deste artigo.

conta no *Tumblr* com vasto acesso a conteúdos sobre suicídio, depressão e automutilação[8]
.

Ao contrário dos demais sites de redes sociais, o *Tumblr* não implementava nenhum tipo de filtro para o seu conteúdo, banindo apenas aqueles que expressamente violassem leis, como pedofilia e tortura. Este caráter permissivo da plataforma permitia a disseminação de textos, fotos e vídeos que incentivam práticas de automutilação e suicídio, como os blogs seguidos por Tallulah. Após sua morte, sob ameaça do governo inglês, o *Tumblr* reformulou a sua política de uso: qualquer postagem encorajando ou glorificando anorexia, bulimia, automutilação ou suicídio seria apagada[9]. *Posts* com tais conteúdos, porém, ainda podem ser encontrados.

A procura por *tags* relacionadas a transtornos mentais também foi reformulada: ao invés de um direcionamento direto às postagens relacionadas, o *Tumblr* exibe ao participante uma página com informações a respeito de organizações anti-suicídio, como (no caso do Brasil) o Centro de Valorização da Vida[10]. Só depois de passar por esta página é que pode-se, então, ver as postagens sobre estas *tags*.

É de se imaginar que o maior controle sobre os conteúdos das *tags* geraria um caráter mais homogêneo nas postagens das mesmas – ou até mesmo uma dissipação das comunidades construídas nelas – mas com alguns minutos de busca é fácil detectar que não. Embora a glorificação explícita do suicídio ou da automutilação tenha se reduzido drasticamente, os blogs pró-ana[11] (já tema de extensos estudos acadêmicos) continuam sendo numerosos.

A romantização dos transtornos mentais (tanto sutil quanto abertamente) também faz parte geral da estética de diversos blogs populares no *Tumblr*. Lana Del Rey, Kurt Cobain, Van Gogh, Janis Joplin e outros ícones culturais conhecidamente neuroatípicos são materiais comuns para postagens. Há uma correlação bastante estudada por autores da psicologia social, como Kay Jamison (2016) entre doenças mentais e um suposto "gênio"

[8] Disponível em: <https://goo.gl/iC29Jc>. Acesso em: 17 jun. 2017.
[9] Disponível em: <https://goo.gl/Yfo6AE>. Acesso em: 17 jun. 2017.
[10] Disponível em: <https://goo.gl/79KhYm>. Acesso em: 17 jun. 2017.
[11] Blogs pró-anorexia, cujo conteúdo é geralmente composto de dicas de emagrecimento e fotos glorificando a magreza extrema.

artístico, mas a mínima dessas associações pode ser mal-vista por parte da comunidade de neuroatípicos do *Tumblr*, que questionam tais posts como banalizadores das doenças mentais.

Esta dinâmica não envolve só os discursos e apropriações de ícones para a construção dos sujeitos online, mas também hierarquias e disputas. Um ex-participante do *Tumblr* diz:

> Muitos dos textos sobre depressão fizeram com que eu me sentisse mal porque sempre parecia pior do que a minha. Eu não sentia como se eu pudesse ser validado na minha tristeza porque a de outra pessoa era pior.[12]

É importante notar que, dentro das *tags* nas quais se esperariam apenas postagens por ou a respeito de sujeitos neuroatípicos, frequentemente se encontram apropriações de senso comum dessas doenças – uma tristeza comum, por exemplo, pode virar depressão; o nervosismo antes de uma prova, ansiedade e mudanças de humor transtorno bipolar. Estes *posts* colocam uma tensão que, além de indignação, geram *tags* como, por exemplo, a *actuallybipolar* (bipolar de verdade, em tradução livre) ou a *seriouslyparanoid* (seriamente paranoide).

Também não são incomuns blogs e *tags* no *Tumblr* voltados à ajuda mútua entre tais sujeitos neuroatípicos. Algumas postagens contam com listas de como conseguir ajuda psiquiátrica em diferentes países, blogs inteiros se dedicam a postagens motivacionais e outros a desabafos e pedidos de conselho.

A partir de um recorte sobre uma pesquisa mais extensa, procura-se delinear, neste artigo, os principais discursos encontrados inicialmente dentro dos perfis de *Tumblr* de sujeitos neuroatípicos. A coleta, feita nos meses de junho e julho de 2017, limitou-se aos *posts* mais populares (ou seja, mais reblogados e curtidos por outros) colocados sob as *tags depression*, *bipolar* e *borderline*. Sendo o inglês a língua franca do site de rede social em questão, os *posts* se encontram neste idioma.

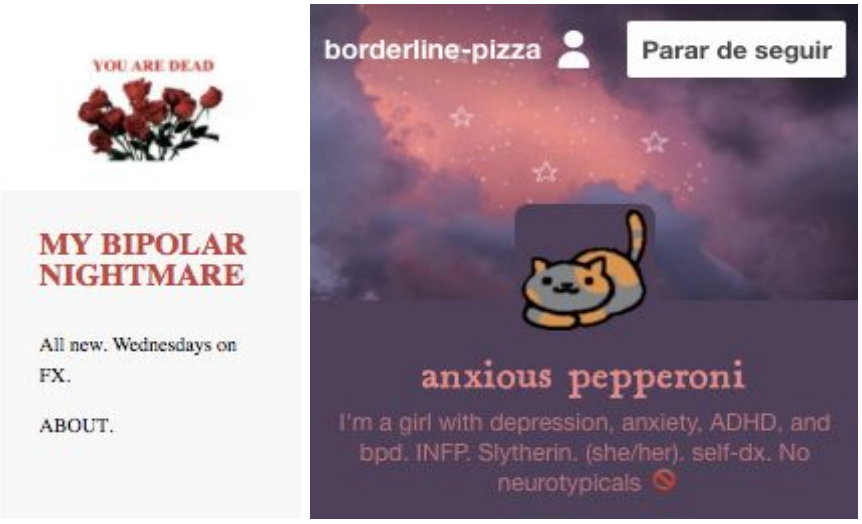
[12] Disponível em: <https://goo.gl/ztCVw8>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Práticas de sociabilidade e sujeitamento entre os neuroatípicos do *Tumblr*

Brotsky e Giles (2007), referindo-se especificamente a portadores de transtornos alimentares, argumentam que, antes do final dos anos 1990, existiam pouquíssimos ambientes não-hospitalares nos quais eles poderiam falar abertamente sobre sua doença, cenário mudado pela emergência de fóruns criados e mantidos por esses sujeitos (embora não só por estes).

Pode-se argumentar que o mesmo se aplica aos demais neuroatípicos. Dada, portanto, a falta de espaço nas esferas sociais *offline* para a discussão entre pares do tema, o *Tumblr* (assim como outros fóruns específicos) acaba provando-se uma ferramenta valiosa para alguns desses sujeitos que procuram apoio para sua recuperação e extremamente destrutiva para outros, que validam comportamentos de risco a partir da plataforma. Mas ainda que haja esta heterogeneidade entre o comportamento destes sujeitos, há um ponto em comum entre a maioria deles: o assumir seu status de neuroatípico como parte do seu eu.

Figuras 01 e 02 - Cabeçalhos de blogs do *Tumblr*.



Fonte: <https://goo.gl/KvbZMf> e <https://goo.gl/J6uuFc>.

As figuras 01 e 02 são demonstrativos desta apropriação do status de sujeito neuroatípico. Na primeira lê-se no título do blog "meu pesadelo bipolar", tornando fácil a identificação do diagnóstico do sujeito em questão. Na segunda, embaixo do título,

podemos ler: "sou uma garota com depressão, transtorno de déficit de atenção e transtorno de personalidade borderline (...). auto-diagnosticada. sem neurotípicos[13].". O sujeito em questão alega, portanto, ser portadora de diversas doenças mentais autodiagnosticada (dimensão que é alvo de disputas, como pode ser visto mais tarde neste trabalho), além de não querer seguidores neurotípicos no seu blog.

Mesmo que recentemente a disseminação da informação a respeito de transtornos como depressão e ansiedade tenha sido constante na mídia tradicional, declarações tão visíveis a respeito de neuroatipias[14] são raras no mundo *offline* e em outros sites de redes sociais – a chamada "loucura" ainda possui um status de coisa não dita. Tal apropriação do *Tumblr*, portanto, seria um exemplo do que Polivanov (2014) chama de "novos" modos de os atores se relacionarem entre si na internet, apresentando discursos próprios, de pessoas "comuns" empoderadas para expressarem suas opiniões.

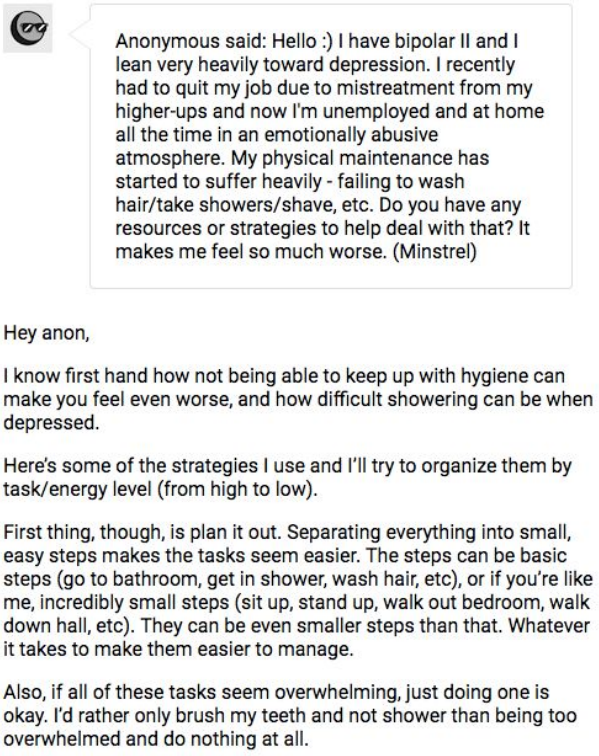
E, para além disso, é possível enxergar no discurso dos neuroatípicos do *Tumblr* uma tentativa de sujeitamento. Prendergast (2001), em diálogos com uma amiga portadora de esquizofrenia, constata que não há uma retórica estabelecida socialmente da doença mental da qual os doentes fizeram parte da construção. Na verdade, de acordo com Barbara, a amiga da autora, uma vida com uma doença mental é uma vida cujo significado é negado.

Podemos detectar, portanto, a tentativa de formação de laços por parte de sujeitos neuroatípicos no *Tumblr* com base em seus pontos em comum - a saber, a neuroatipia. O isolamento da comunidade, comum para sujeitos com doenças mentais, pode levar à chamada "morte social", na qual há uma completa desestruturação dos laços de sociabilidade (FONTES, 2007). Pode-se argumentar que tal isolamento não se dá somente pela estigmatização em si, mas também por algumas características (que podem ser tidas como sintomas) das doenças mentais, dificilmente compreensíveis para aqueles que não sofrem das mesmas. Na figura 03, por exemplo, podemos ver uma pergunta dirigida ao blog *mentalillnessmouse*[15], mantido por neuroatípicos que dão dicas gerais de como lidar com doenças mentais. O anônimo que pergunta, diagnosticado com transtorno

[13]Quem não possui nenhuma doença mental.
[14] Doenças mentais.
[15] Disponível em <https://goo.gl/2bEnRu>.

bipolar, pede dicas de como lidar com as tarefas simples do dia-a-dia, como tomar banho ou escovar os dentes. Esta dimensão é de difícil compreensão para neurotípicos.

Figura 03 - Pergunta ao blog *mentalillnessmouse*.


Anonymous said: Hello :) I have bipolar II and I lean very heavily toward depression. I recently had to quit my job due to mistreatment from my higher-ups and now I'm unemployed and at home all the time in an emotionally abusive atmosphere. My physical maintenance has started to suffer heavily - failing to wash hair/take showers/shave, etc. Do you have any resources or strategies to help deal with that? It makes me feel so much worse. (Minstrel)

Hey anon,

I know first hand how not being able to keep up with hygiene can make you feel even worse, and how difficult showering can be when depressed.

Here's some of the strategies I use and I'll try to organize them by task/energy level (from high to low).

First thing, though, is plan it out. Separating everything into small, easy steps makes the tasks seem easier. The steps can be basic steps (go to bathroom, get in shower, wash hair, etc), or if you're like me, incredibly small steps (sit up, stand up, walk out bedroom, walk down hall, etc). They can be even smaller steps than that. Whatever it takes to make them easier to manage.

Also, if all of these tasks seem overwhelming, just doing one is okay. I'd rather only brush my teeth and not shower than being too overwhelmed and do nothing at all.

Fonte: <https://goo.gl/XxDFPM>.

De acordo com Dejonckheere et al (2017), a preocupação excessiva com a felicidade na sociedade ocidental gera a expectativa de não experimentar sentimentos depressivos, paradoxalmente aumentando-os. A possibilidade da construção de uma rede social na qual as neuroatipias não são mal vistas é, portanto, de extrema importância para esses sujeitos, que não são, dentro da comunidade do *Tumblr*, colocados à frente de expectativas irreais de felicidade e recuperação. As relações construídas dentro desse site de rede social não perpassam, por exemplo, o desgaste de relacionamentos *offline* com a vizinhança, família e amigos, que, por presenciarem crises frequentes desses sujeitos, tendem a tratá-los com preconceitos e superproteção (FONTES, 2007). Forma-se, portanto, o que Greenblatt et al (1982) define como laços sociais de alto apoio emocional, que são, de acordo com os autores, uma necessidade humana básica e essencial para a

recuperação de sujeitos com doenças mentais.

Exposição da medicalização de doenças mentais no *Tumblr*

De acordo com Garcia e Araújo (2014), a medicalização difere-se do ato de medicar em si, sendo um termo utilizado para o tratamento de problemas não-médicos como patológicos e, portanto, possível alvo da utilização de remédios. Os autores argumentam que a medicalização acaba sendo um amplo processo sociocultural, que não necessariamente envolve somente a profissão médica.

Coloca-se o paciente em uma posição de responsável pessoal pela sua saúde, através da autogestão de seus sintomas, tornando a "sanidade" algo a ser alcançado através de esforço. A medicação é vista, assim, como redentora (GARCIA; ARAÚJO, 2014). Dentro da comunidade neuroatípica do *Tumblr*, podemos verificar este tipo de discurso em duas linhas: a primeira delas, envolvendo os próprios remédios; e a segunda, o chamado de *self-care* (ou autocuidado, em tradução livre).

Figuras 04 e 05 - Experiências com uso de medicações.

Fonte: <https://goo.gl/BC7x5A> e <https://goo.gl/eKjrJ6>.

O relato autobiográfico de experiências com uso de medicações é extremamente comum, não raro sendo classificados sob *tags* populares com os nomes dos próprios medicamentos. Na figura 04, por exemplo, podemos ver as experiências do sujeito em

questão com três medicamentos diferentes. Na 05, o interagente reflete sobre o "estranho conceito" de pequenas pílulas lhe ajudarem a ficar estável. Constata-se, portanto, um exemplo de visão da medicação como redentora.

Outra visão do uso de medicações no *Tumblr* inclui a desestigmatização do uso das mesmas. Goffman (1980) classifica o estigma em três categorias: a primeira, como as abominações dos corpos (como as deficiências físicas); a segunda, como os comportamentos desviantes (as doenças mentais, a homossexualidade, o desemprego e outros); e a terceira, aspectos hereditários (como raça, etnia e nacionalidade). Os doentes mentais, encaixando-se na segunda categoria, sofrem, de acordo com o autor, os mesmos preconceitos que os outros objetos de estigma, sendo tratados como incapazes de realizar quaisquer atividades cotidianas.

Figuras 06 e 07 - Exemplos de postagens sob a *tag medicated and mighty*

Fontes: <https://goo.gl/by8EiD> e <https://goo.gl/rm9k9j>.

Mesmo que o uso de medicações para psicopatologias já esteja disseminado (o ansiolítico Rivotril, por exemplo, vendeu mais de treze milhões de caixas em 2015[16]), o estigma das doenças mentais se estende a elas. Para diminuí-lo, a campanha *medicated and mighty*, por exemplo, tentou mostrar que não há demérito em necessitar de medicações para doenças mentais, convocando os interagentes do *Tumblr* a postarem fotos nos seus blogs e em outras redes sociais com suas medicações. Nas figuras 06 e 07, por exemplo, podemos ver duas postagens sob a *tag*, de participantes tirando *selfies* com seus remédios.

Figuras 08 e 09 - Postagens a respeito de *self-care*.

Fontes: <https://goo.gl/uQCHHa> e <https://goo.gl/irrNwC>.

Já a discussão em volta do *self-care* também inclui fortemente a autogestão dos próprios sintomas: através de práticas como afirmações positivas, cuidado corporal e de "tirar tempo para si", convoca-se os sujeitos a fazerem bem a si mesmos, como na figura 08. Há, porém, discussões em volta do tema: de acordo com alguns, as dicas de *self-care* são inúteis para aqueles que têm doenças mentais graves (como podemos ver na figura 09), já que muitas vezes sequer tomar banho ou comer é difícil para esses sujeitos.

[16]Disponível em: <https://goo.gl/vzUfZ1>. Acesso em: 12 jul. 2017.

Também discute-se o elitismo em tais práticas, acessíveis somente para camadas mais afluentes da população.

Disputas: uma incursão inicial

Em qualquer tipo de comunidade, as disputas e hierarquias são parte de jogos complexos. De acordo com Recuero (2009) podemos identificar nas tecnologias com alto grau de sociabilidade (sobretudo os sites de redes sociais) estruturas de laços e capital social próprios.

A comunidade de neuroatípicos do *Tumblr* também possui tal complexidade. Nas imagens abaixo, podemos encontrar uma das disputas mais comuns: a acusação de banalização das doenças mentais. Na figura 10, a postagem original, lê-se: "tipo metade da minha personalidade são só sintomas. A isto, o interagente *freefromthehivemind* respondeu, como pode ser visto na figura 11:

> "isso é por que 85%+ das pessoas no *tumblr* são autistas e/ou têm um distúrbio de personalidade e também porque 100% das pessoas que estão no *tumblr* não levam usuários do *tumblr* com doenças mentais diagnosticadas de verdade a sério. porque vocês todos com suas doenças mentais não diagnosticadas fazem disso PELO MENOS metade de sua personalidade para se encaixar no resto da sua turminha do tumblr." (tradução livre)

Figuras 10 e 11 - Exemplo de disputas entre interagentes no *Tumblr*

Fontes: <https://goo.gl/PZKvyH> e <https://goo.gl/hyvgw6>.

Tais disputas são comuns. Dentro das *tags* relacionadas à saúde mental, são frequentemente encontradas referências a ícones culturais como os filmes *Garota Interrompida* (1999), *Geração Prozac* (2001) e *Suicide Room* (2011); a série *Skins* (2007-2013) e a artistas como Sylvia Plath, Van Gogh, Kurt Cobain e Lana Del Rey, todos neuroatípicos.

Figuras 12 e 13 - Trechos de músicas de Lana Del Rey e Kurt Cobain acompanhados por fotos dos artistas.

Fontes: <https://goo.gl/6oJvmY> e <https://goo.gl/qQa1D2>.

Tais postagens conectando doenças mentais a ícones culturais podem ser interpretados como uma glorificação da tristeza, perpetuando o que Kaufman et al (2006) chama de estereótipo do gênio louco.

E, ainda que não necessariamente possamos ver conexões entre a loucura e o gênio, muitos subtons ligados à depressão e outras doenças mentais neste sentido podem ser encontrados. Ambas as figuras 12 e 13 foram encontradas associando a *tag depression* ao nome dos artistas. Na figura 12, podemos ver uma frase da canção *Dark Paradise* da cantora de *indie pop* Lana Del Rey que se disseminou pela internet, inclusive em

português, e intitula esse artigo: "*everything is fine but I wish I was dead*" (tudo está bem mas eu queria estar morta, em tradução livre). A figura é um demonstrativo de muitas das imagens produzidas por fãs da cantora, que juntam trechos tristes ou negativos de suas músicas com imagens editadas da mesma.

Já a segunda (originalmente em formato *gif*), mostra o vocalista da banda *Nirvana*, Kurt Cobain, que cometeu suicídio em 1994, cantando uma das músicas da banda, *Lithium*. O título refere-se a medicação estabilizadora de humor lítio, um dos psicofármacos mais antigos e mais utilizados, e, na letra da música, podemos detectar um estado de entorpecimento por parte do eu-lírico, que teoricamente está sob o efeito do medicamento. Pode-se concluir, portanto, que ícones culturais são uma parte importante do imaginário a respeito de doenças mentais, perpassando, portanto, as postagens no *Tumblr* a respeito.

Considerações finais

Estima-se que a discussão a respeito de saúde mental no *Tumblr* tenha crescido progressivamente ano a ano, com um aumento de 248% das postagens sob a *tag mental health* entre 2013 e 2016. O movimento de *self-care* também presenciou um grande crescimento em número de pesquisas (cerca de 733%) e postagens originais (567%). Eventos sociopolíticos importantes, como a eleição ou a posse do presidente americano Donald Trump, também influenciaram nas pesquisas nas *tags* a respeito de saúde mental, assim como datas comemorativas como o Natal e o Dia dos Namorados americano[17].

Com estas informações, portanto, é possível ver um interesse crescente em saúde mental, consonante também com as informações da Organização Mundial da Saúde a respeito do crescimento do número de portadores de depressão, que chegou a 300 milhões em 2017[18].

Neste levantamento inicial, é possível detectar inúmeras apropriações e disputas dentro das postagens no *Tumblr* a respeito de doenças mentais. Há uma enorme

[17] Disponível em: <https://goo.gl/xiKtMF>. Acesso em: 13 jul. 2017.
[18] Disponível em: <https://goo.gl/nZxD2D>. Acesso em: 13 jul. 2017.

complexidade envolvida nesta análise: as doenças mentais são perpassadas por aspectos culturais, sociais e econômicos, que devem ser levados em conta. Podemos detectar, somente nestas incursões iniciais, redes de sociabilidade e solidariedade; discursos a respeito de medicações e self-care e intercruzamentos de ícones culturais e aspectos ligados às doenças mentais.

A análise aqui iniciada, portanto, tem diversos desdobramentos, problematizações e complexificações futuras possíveis como, por exemplo, as performatizações que partem das conexões entre certos ícones culturais e doenças mentais, que podem, eventualmente, gerar uma certa romantização destas.

Referências

BOYD, Danah M. ELLISON, Nicole B. Social Network Sites: Definition, History and Scholarship. **Journal of Computer-mediated Communication,** vol. 13, p.210-230, 2007.

BROTSKY, Sarah; GILES, David. Inside the "pro ana" community: a covert online participant observation. **Eating disorders: the journal of treatment and prevention**, vol.15, 2007.

CHANG, Yi; TANG, Lei; INAGAKI, Yoshiyuki; YAN, Liu. **What is Tumblr**: A Statistical Overview And Comparison. Disponível em <https://goo.gl/BLpCxt>. Acesso em: 13 jul. 2017. Yahoo Labs, 2014.

DEJONCKHEERE, Egon; BASTIAN, Brock; FRIED, Eiko; MURPHY, Sean; KUPPENS, Peter. Perceiving social pressure not to feel negative predicts depressive symptoms in daily life. **Depression and Anxiety Journal**, vol.34, 2017.

FONTES, Breno Augusto. Redes sociais: sobre a formação de redes de apoio social no cotidiano de portadores de transtorno mental. Política & trabalho, João Pessoa, n.26, p. 87-104, 2007.

GARCIA, Carla Costa; DE ARAUJO, Inesita Soares. **Esquizofrenia e Medicalização**: marcas discursivas na narrativa de pessoas com a doença mental. Anais do XXVII Congresso de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4a edição, Rio de Janeiro, editora Guanabara, 1980.

GREENBLATT, Milton; BECERRA, Rosina; SERAFETINIDES, E.A. Social Networks and Mental Health: An Overview. **The American Journal of Psychiatry**, vol.139, p.977-984, 1982.

KAUFMAN, James; BROMLEY, Melanie; COLE, Jason. Insane, poetic, loveable: creativity and endorsement of the "mad genius" stereotype. **Imagination, cognition and personality**, vol.26, p.149-161, 2006.

POLIVANOV, Beatriz. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais**: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

PRENDERGAST, Catherine. On the rethorics of mental disability In WILSON, James; WILSON, Cyntia. **Embodied Rhetorics: Disability in Language and Culture**. 1a edição, Southern Illinois University Press, 2001.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada por computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, vol. 38, p. 118-128, 2009.